



TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Ofensiva diplomática para sitiatar o Irã

Chanceler israelense envia cartas a 32 países pedindo a adoção de sanções contra o projeto de mísseis da República Islâmica, em meio à definição sobre represália militar ao ataque do fim de semana. Teerã alerta que a resposta será severa

Enquanto decide a extensão do contra-ataque militar ao Irã, Israel lançou ontem uma ofensiva diplomática para tentar sufocar o arqui-inimigo com novas sanções econômicas. O ministro israelense de Relações Exteriores, Israel Katz, anunciou ter enviado cartas para 32 países solicitando medidas para atingir o projeto de mísseis da República Islâmica e para que o Corpo da Guarda Revolucionária seja declarado como uma organização terrorista.

“O Irã deve ser parado agora, antes que seja tarde demais”, disse o chanceler. Entre os países aos quais a solicitação política foi direcionada estão os Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Japão, Canadá, França, Itália, Índia e Austrália.

De antemão, a secretária de Tesouro americana, Janet Yellen, assegurou que Washington “não hesitará” em intensificar as sanções contra Teerã. O alto representante para a política externa da União Europeia, Josep Borrell, antecipou que já há planos de ampliá-las.

Ameaças mútuas

O anúncio de Katz detonou uma nova rodada de ameaças entre os dois países. Por meio de um comunicado divulgado por seu gabinete, o presidente do Irã, Ebrahim Raisi, disse que responderá “severamente” à “menor ação” do Estado judeu contra os interesses de Teerã.

“Agora, declaramos firmemente que a menor ação contra os interesses do Irã provocará uma resposta severa, extensa e dolorosa contra todos os seus perpetradores”, destacou Raisi, na noite anterior, durante um telefonema ao emir do Qatar, Tamim ben Hamad Al Thani.

Durante a conversa, ao falar do ataque do fim de semana — o primeiro a partir do território iraniano contra Israel —, Raisi disse que Teerã exerceu “seu direito de autodefesa”. O lançamento de mais de 300 drones e mísseis foi, segundo o Irã, uma resposta ao assassinato, por Israel, de um general iraniano sênior em um edifício diplomático iraniano em Damasco, Síria. Israel não confirmou nem negou o envolvimento.

O governo israelense, por sua vez, reiterou que haverá um revide militar. “Não podemos ficar com os braços cruzados ante tamanha agressão, o Irã não sairá impune”, afirmou o porta-voz do Exército israelense, Daniel



Soldado israelense posicionado em frente a uma bateria do sistema de defesa aérea Domo de Ferro, perto de Jerusalém

Protesto na Bienal de Veneza
O pavilhão de Israel na 60ª Bienal de Arte de Veneza, na Itália, permanecerá fechado até a libertação dos reféns sequestrados pelo Hamas e que se alcance um cessar-fogo na Faixa de Gaza, por decisão da artista Ruth Patir e dos curadores. A mostra internacional de arte contemporânea, que atrai centenas de milhares de visitantes, ficará em cartaz de 20 de abril a 24 de novembro, com pré-abertura a partir de hoje. A decisão foi tomada em “solidariedade às famílias dos reféns e à grande comunidade israelense que pede mudança”. Chamada de “(M)otherland”, a exposição destaca o trabalho de Ruth Patir a respeito da sua relação com seu país por meio de uma instalação de vídeo. “Nós nos convertemos em notícia, e não em arte”, publicou a artista no Instagram. “Eu me oponho firmemente ao boicote cultural, mas, como acho que não existe uma resposta boa e que não posso fazer o que quero com o espaço que tenho, prefiro unir minha voz à daqueles que lançam esse grito (por um cessar-fogo).”

Hagari. “Disparar 110 mísseis diretamente contra Israel não ficará impune. Responderemos no momento, no local e da forma que determinarmos”, acrescentou.

Moderação

O tom das declarações passa longe dos apelos por moderação do Ocidente, que teme uma escalada no Oriente Médio, onde Israel está em guerra com o movimento islamista palestino Hamas na Faixa de Gaza há mais de seis meses. O premiê israelense, Benjamin Netanyahu, pediu na segunda-feira à comunidade internacional

para “permanecer unida” diante da agressão do Irã. Mas os dirigentes das principais potências internacionais pedem cautela.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, indicou que Washington não vai participar de uma ação de represália, apesar de seu apoio inabalável a Israel. Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, advertiu a seu par e aliado iraniano que uma escalada no Oriente Médio teria “consequências catastróficas para toda a região”, segundo o Kremlin.

No Reino Unido, o primeiro-ministro Rishi Sunak instou Netanyahu a agir com “sangue-frio” após o



ataque. “Uma escalada significativa não redundaria em interesse de ninguém e só vai aprofundar a insegurança no Oriente Médio”, insistiu. Para o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, o ataque iraniano é culpa de Netanyahu e sua “sangrenta administração”.

Hezbollah

Desde a fundação da República Islâmica, o Irã pede a destruição de Israel, mas até agora, havia evitado atacar Israel frontalmente. Os dois países travaram confrontos indiretos, em particular em operações que envolvem os

aliados de Teerã, como o movimento libanês Hezbollah e os rebeldes huthis do Iêmen.

Ontem, o Hezbollah anunciou a morte de três de seus membros, entre eles o comandante Ismail Youssef Baz, em bombardeios israelenses no sul do Líbano, de onde o movimento xiita apoiado pelo Irã lançou ataques contra o norte de Israel.

Segundo uma fonte próxima ao movimento libanês, Baz estava à frente da região de Nagura e participou “na promoção e no planejamento do disparo de foguetes e mísseis antitanques contra Israel”.

Ajuda a Gaza

A Organização das Nações Unidas (ONU) lança, hoje, um apelo por US\$ 2,8 bilhões (R\$ 14,4 bilhões na cotação atual) em doações para ajudar a população palestina na Faixa de Gaza e na Cisjordânia ao longo deste ano. “Obviamente, 90% são para Gaza”, disse Andrea De Domenico, chefe do escritório humanitário da ONU nos Territórios Palestinos.

Segundo De Domenico, a programação para 2024 estava inicialmente fixado em US\$ 4 bilhões (R\$ 20,7 bilhões), mas foi reduzida devido à limitação do acesso de Israel à ajuda humanitária na região. Os valores arrecadados serão destinados a 3 milhões de pessoas identificadas na Cisjordânia e em Gaza.

Poucos dias depois do ataque do Hamas contra Israel, em 7 de outubro do ano passado, e do início da ofensiva de retaliação israelense na Faixa de Gaza, a ONU organizou um pedido para enfrentar a emergência no valor de US\$ 294 milhões (R\$ 1,5 bilhão). Em pouco tempo, o cálculo foi quadruplicado.

Ontem, o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, governada pelo movimento islamista palestino Hamas, anunciou que 33.843 pessoas morreram no enclave desde o início do conflito — o número de feridos é superior a 76,5 mil. Apenas entre segunda-feira e ontem, de acordo com o levantamento, foram 46 óbitos.

Na segunda-feira, Israel libertou 150 prisioneiros palestinos capturados durante a sua ofensiva militar no enclave, de acordo com a autoridade que controla as passagens fronteiriças no estreito território. “É claro que esses presos sofreram maus-tratos graves, porque alguns deles foram levados para o Hospital Abu Yusef al Najjar para serem tratados lá”, disse o porta-voz Hisham Adwan. O Exército israelense não comentou a libertação, mas afirmou que é “absolutamente proibido” maltratar prisioneiros.

ESTADOS UNIDOS

Juiz adverte Trump sobre intimidações

O ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump recebeu uma advertência do juiz Juan Merchan no segundo dia do histórico julgamento em que é acusado de ocultar pagamento de suborno a uma ex-atriz pornô, durante a campanha de 2016. A reprimenda ocorreu durante a seleção do júri que decidirá o destino do magnata, candidato único do Partido Republicano na corrida à Casa Branca em novembro próximo.

“Não vou permitir que nenhum membro do júri seja intimidado nesta sala”, frisou, taxativo, o magistrado de origem colombiana, quando uma candidata foi obrigada a dar explicações sobre um vídeo publicado no Facebook que motivou um

comentário do bilionário. Num processo que avança mais rápido do que o inicialmente estimado, metade dos 12 jurados haviam sido selecionados no fim da tarde de ontem.

Os candidatos a integrar o júri, cidadãos anônimos escolhidos por sorteio, tiveram que responder um longo questionário preparado pelo juiz Merchan sobre atividade profissional, residência, situação familiar e eventual uso de medicamentos que podem afetar a concentração. Também há perguntas sobre leitura de jornais e uso de redes sociais que utiliza. Por último, o candidato deve dizer se é capaz de julgar com equidade um caso altamente midiático e politizado.



O magnata chega ao tribunal para o segundo dia de julgamento

Tanto a promotora quanto a defesa podem recusar 10 candidatos cada uma de uma seleção previamente feita pelo juiz. Espera-se que na próxima segunda-feira sejam apresentadas as alegações iniciais. Se for considerado culpado, Trump pode ser condenado a quatro anos de prisão.

Campanha

Visivelmente contrariado, Trump, 77 anos, chegou ao tribunal, ontem de manhã, desferindo novas críticas ao processo, que considera manipulado. “Eu deveria estar neste momento na Pensilvânia, na Flórida, em muitos outros estados, como Carolina do Norte

e Geórgia, fazendo campanha”, afirmou o republicano, acusando seu adversário, o presidente Joe Biden, de orquestrar uma cruzada judicial contra ele.

Em sua plataforma, Truth Social, o magnata também voltou a atacar o juiz responsável pelo julgamento. “Ele me odeia”, repetiu. Na véspera, ele criticou Merchan que o obrigou a assistir a todas as audiências (quatro dias por semana) e que não lhe permitiu assistir à diplomacia de seu filho ou acompanhar uma audiência que o afeta na Suprema Corte na próxima semana. Por várias vezes, a defesa do ex-presidente pediu, sem sucesso, que o magistrado fosse afastado do caso.